

**(RE)APRENDENDO A SER FAMÍLIA:  
ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA RECONSTITUÍDA**

Bibiana Borba Goettert<sup>1</sup>

Denise Vidal<sup>2</sup>

Dulce Grasel Zacharias<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo a análise do caso clínico de uma família, sob o enfoque da abordagem sistêmica, a partir dos atendimentos realizados em um serviço escola de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. A abordagem supracitada se caracteriza pela mudança de olhar do indivíduo para a família como um sistema, compreendendo essa não apenas como um conjunto de indivíduos, mas sim uma rede permeada de relações. A partir deste enfoque o trabalho discorre sobre uma família reconstituída, compreendendo que este fator pode causar impactos na estrutura familiar, visto que, a entrada de novos membros acaba por modificar a dinâmica familiar, estes necessitam readaptar-se frente a essa nova fase. Além disso, a influência de fatores como a adolescência, papéis familiares e afetividade tornam-se de grande relevância. Em meio a suas inúmeras diferenças, a família busca uma adaptação mais funcional, propondo-se a repensar e rever seus padrões constantemente.

**Palavras-chave:** Estudo de caso. Terapia Familiar. Família reconstituída. Adolescência.

**Abstract:** The present study aims to analyze the clinical case of a family, focusing on the systemic approach, based on the services provided at a school service at a university in the interior of Rio Grande do Sul. The aforementioned approach is characterized by the change of looking from the individual to the family as a system, understanding this not only as a set of individuals, but as a network permeated by relationships. Based on this, the present work discusses a reconstituted family. Understanding that this factor can cause impacts on the family structure, since, the entry of new members ends up changing the family dynamics. They need to adapt themselves to this new phase. In addition, the influence of factors such as adolescence, family roles and affectivity are of great relevance. Amidst its many differences, the family seeks a more functional adaptation, proposing to constantly rethink and review its standards.

**Keywords:** Case study. Family Therapy. Reconstituted family. Adolescence.

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: bibianagoettert@mx2.unisc.br

<sup>2</sup> Acadêmica de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: dvidal@mx2.unisc.br

<sup>3</sup> Psicóloga graduada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1985) e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (1999). Tem formação em Psicologia clínica na área sistêmica pelo DOMUS. Desenvolve suas atividades profissionais na Universidade de Santa Cruz do Sul é docente na Instituição e supervisora de estágio em sistêmica. E-mail: dulce@unisc.br.

## **INTRODUÇÃO**

O processo terapêutico pode ser visto como uma relação, de um lado há o paciente, com sua história conflitos e resoluções, do outro há o terapeuta, com suas percepções, conceitos e ações, ambos em uma constante relação que cria o espaço terapêutico. A tarefa de rever conceitualmente um caso possibilita a construção de uma percepção mais abrangente. Por este motivo esse trabalho é o relato de um caso de uma família atendida em um serviço escola de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul.

O estudo de caso está embasado no referencial teórico da Abordagem Sistêmica, que caracteriza-se pela mudança de olhar do indivíduo para a família como um sistema, alterando desse modo o foco dos indivíduos para os padrões de relacionamentos compreendendo o todo como maior que a soma das partes. Dessa forma, pode-se dizer que a família não é apenas um conjunto de indivíduos, mas sim uma rede permeada de relações. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

A família é um termo compreendido a partir das interações sociais. No entanto, a estrutura familiar varia em decorrência da latitude, épocas históricas distintas e os fatores sociopolíticos, econômicos ou religiosos dominantes no período evolutivo de dada cultura. Esta, caracteriza-se de três formas: a nuclear (conjugal), sendo composta pelas figuras primárias de cuidado e filhos, incluindo nesta definição famílias homoafetivas e monoparentais, a extensa, na qual os membros tenham algum parentesco entre si e a abrangente que inclui os indivíduos que não são parentes, porém vivem juntos. (OSÓRIO, 2013; CARVALHO, 2012).

Desse modo, a família se apresenta como um sistema essencial e constituinte, frente a isso, propomos inicialmente uma descrição do caso, posteriormente uma análise conceitual sobre a abordagem sistêmica e a terapia familiar, adolescência, papéis familiares, famílias reconstituídas e afetividade, fatores de grande influência no caso.

## **CASO CLÍNICO**

### **Legenda dos nomes utilizados**

Narciso (60 anos)

Cravo (14 anos)

Hortênciã (33 anos)

Rosa (por volta dos 50/60 anos)

Os nomes utilizados para a elaboração do trabalho por questões éticas são fictícios, portanto, no lugar dos nomes originais foram utilizados nomes de flores, compreendendo que o processo terapêutico é como o cultivo de uma planta, é preciso regá-la, fornecer os nutrientes necessários para que ela possa florescer.

### **História da família**

A família é composta por três membros, Narciso, pai de 60 anos; Hortência, madrasta de 33 anos e Cravo, filho de 14 anos. Sua história enquanto família inicia a cerca de sete anos atrás, quando Narciso e Hortência se conheceram por meio de amigos em comum. Narciso na época era casado com Rosa, e morava com ela e seu filho, mas depois de conhecer Hortência, passou a encontrá-la com frequência, o que culminou em um relacionamento extraconjugal.

Neste período Rosa descobriu sobre Hortência e o casal passou a brigar muito, em diversos momentos as discussões aconteciam na presença de Cravo, até o momento em que Narciso decidiu sair de casa, passando a morar com Hortência. Tempos depois, Rosa ficou doente e Cravo precisou passar um tempo na casa do pai, quando a mãe melhorou, ele optou em ficar morando com o pai e a madrasta, na época o menino tinha apenas 9 anos de idade.

Cravo foi adotado ainda bebê por Narciso e sua ex companheira Rosa. De acordo com os relatos de Narciso, Hortência e Cravo, a mãe (Rosa) era muito superprotetora em relação ao menino, ela o privou de interagir com o meio social, ele não podia brincar com os seus amigos/vizinhos, por exemplo, pois ela tinha receio de que algo acontecesse. Tinha um cuidado excessivo em relação a Cravo, ele não podia tirar a camisa, ou entrar em uma piscina na qual a água passasse de seus tornozelos.

Sendo assim, Cravo passava grande parte do tempo em casa, o que desencadeou longas horas no computador ou no celular. Rosa não lhe oferecia os cuidados básicos no que tange a sua higiene pessoal e alimentação. Cravo passava dias sem tomar banho e não tinha o hábito de escovar os dentes. Além disso, sua alimentação não era equilibrada, pois ele ingeria alimentos com açúcar em demasia, ou muito gordurosos, o que o levou a quase desenvolver diabetes. A família relata que havia um controle excessivo por parte dela para com ele visto que o restringia de realizar atividades importantes para o seu desenvolvimento.

Narciso nesta época era extremamente distante, deixando os cuidados com a educação de Cravo sobre a total responsabilidade de Rosa, pois pouco ficava em casa. Nos dias de

semana, quando chegava em casa queria apenas descansar do dia de trabalho e aos finais de semana costumava ir para rodeios.

Quando Hortência, Narciso e Cravo passaram a morar juntos ocorreram dificuldades na adaptação ao novo lar, gerando conflitos com Hortência em relação às tarefas de casa e sobre a questão dos limites, pois ela afirma que ele é desobediente. A principal conflitiva entre os dois, foi a falta de cuidados de Cravo em relação a sua higiene pessoal. Atualmente, Cravo tem pouco contato com a sua mãe, vendo-a em raras ocasiões, na casa da avó materna.

### **Dinâmica familiar**

A família coloca que todos os desentendimentos do casal são em relação a criação de Cravo. A dinâmica da família está mais relacionada a um regime de verticalidade, não desejada, nem imposta, mas uma consequência da junção destas três pessoas diferentes. A verticalidade a qual nos referimos é a de Hortência frente às decisões, visto que é delegada a ela essa responsabilidade, Narciso se mostra bastante omissivo, visto que seu maior desejo é o de chegar em casa e apenas descansar, já Cravo passou por um histórico de nove anos sem poder ter opiniões, sendo assim tem algumas dificuldades em se colocar frente a essa madrastra que aprendeu desde cedo a tomar suas próprias decisões.

Estar nesse papel ativo afeta também Hortência, que acaba ficando sobrecarregada com toda essa responsabilidade. Sendo assim ela cobra muito de si, de Narciso e principalmente de Cravo, gerando um ambiente de cobranças excessivas e sofrimento mútuo. Narciso por sua vez parece não sentir a necessidade de se colocar de forma mais enfática assumindo seu papel, acaba mantendo-se em uma situação na qual é cobrado, mas não precisa assumir a responsabilidade frente a criação de Cravo, pois compreende que a importância de seu papel está na questão financeira, buscando dar conforto a família. Cravo consegue fazer movimentos de negação, se colocando frente a esses pais, sente-se seguro para isso, embora ainda esteja trilhando um caminho, visto que na maior parte das vezes concorda com eles, mesmo que seus sentimentos sejam contrários.

A afetividade surge como uma falta na família, há uma queixa de que Cravo é “frio” afetivamente, não demonstrando as mesmas reações que Hortência e Narciso, sendo que ela questiona se Cravo tem sentimentos ou não. Narciso demonstra irritação e inclusive fala que essas palavras são muito duras. Porém esta percepção de Hortência se refere a um sentimento próprio, pois ela tem dúvidas a respeito de seus sentimentos em relação ao menino. É possível

perceber também que tanto Narciso quanto Hortência percebem a educação como um ensino de práticas ou regras, deixando de lado o componente afetivo.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Abordagem sistêmica e terapia familiar**

Para compreender o caso do qual falamos é importante compreender que viés utilizamos para analisá-lo, este por sua vez é o da abordagem sistêmica, mais especificamente a terapia familiar. Nesse sentido, esta iniciou na metade do século passado sendo nos Estados Unidos o foco de estudo com maior expressão e em alguns países da Europa. No entanto, com o passar do tempo expandiu-se para outros lugares. (OSÓRIO; VALE, 2009). O foco principal da intervenção terapêutica na abordagem sistêmica é promover mudanças nas relações que ocorrem no sistema familiar com o intuito de promover alívio nos sintomas considerados disfuncionais. (TONDO, 1998, apud GOMES, 2012).

Terapia familiar requer o uso de si mesmo. O terapeuta de família pode observar e experimentar de fora. Ele tem que ser parte de um sistema de pessoas interdependentes. Para ser efetivo como membro deste sistema ele deve responder às circunstâncias de acordo com as regras do sistema, mantendo ao mesmo tempo o mais amplo uso possível de si mesmo, é o que se entende por espontaneidade terapêutica. (MINUCHIN; FISHMAN, 1990, p.11).

Afirma-se que na família origina-se profundas transformações socioculturais que perpassam o mundo contemporâneo, sendo naturalmente em seu âmago que se tornam evidentes os conflitos interpessoais ao buscar no coletivo novas pautas no padrão relacional dos seres humanos. Nesse sentido, a terapia familiar vem se constituindo em uma abordagem de extrema importância para o atendimento das vicissitudes existenciais na contemporaneidade. (OSÓRIO; VALLE, 2003).

Nesse sentido, a abordagem sistêmica entende a necessidade de intervir nas relações que prolongam os problemas sociais. Nessa lógica, a abordagem sistêmica familiar destaca a mudança de foco do paciente individual para as relações nas quais ocorre o comportamento problemático. (MINUCHIN; NICHOLS; LEE, 2009). O terapeuta familiar possui um papel importante, visto que o mesmo é chamado a entrar na intimidade de uma família, ele deve ser capaz de trabalhar com o sistema completo, englobando não apenas os membros da família, mas também aspectos pessoais de sua experiência (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

## **Constituição subjetiva e afetividade**

A partir da relação com o mundo e com o outro que os indivíduos se constituem, considerando essa relação, as vivências surgem como fator constituinte, visto que é a partir delas que são feitas as significações. Sendo assim, as ações, significações e gestos revelam um sujeito e sua totalidade, permitindo que ele reconheça a si, produzindo sua própria subjetividade. (MAHEIRIE, 2002). As significações por sua vez podem ser entendidas como tudo aquilo que é atribuído às situações, sentimentos e pensamentos, de um modo mais simples a importância fornecida a elas. (SPINK; GIMENES, 1994).

Entretanto este não é um processo solitário, pois, o reconhecimento do outro possibilita que o indivíduo consiga reconhecer-se. No caso analisado a afetividade e o modo como ela influencia na constituição subjetiva dos indivíduos surge como importante. Nesse sentido, o dicionário Aurélio (2019) define a afetividade como “Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.)”. Além disso este conceito pode ser visto também como uma relação de cuidado ou carinho com o outro, do mesmo modo é um estado que permite que uma pessoa demonstre a outra seus sentimentos e emoções (DICIONÁRIO INFORMAL, 2009).

Na psicologia, a afetividade pode ser compreendida como um estado mais difuso e duradouro, referindo-se a um modo de estar no mundo, sendo assim, não se trata de algo isolado, mas sim de uma construção. (BERRIOS, 2012). A família por sua vez representa uma instância fundamental relacionada a afetividade, visto que é um espaço privilegiado para que a vida emocional se desenvolva (LANE; CODO, 1989). Mondin (2005) afirma que o ambiente familiar é considerado a primeira escola no sentido de uma aprendizagem emocional. Nesse local são compreendidos os sentimentos relacionados a si próprio e a maneira que os outros reagem a estes.

O aprendizado emocional age através de ações e comunicações orais como também nos padrões apresentados a fim de lidar com nossos sentimentos além de questões que acontecem entre marido e esposa. Enquanto alguns pais são professores emocionais talentosos, outros possuem dificuldades nessa prática. A partir de estudos realizados sobre essa temática têm-se notado que o modo como os pais tratam seus filhos, à exemplo de atitudes rígidas, compreensíveis, indiferentes ou simpáticas influencia diretamente na vida emocional da criança. (MONDIN, 2005).

No caso da adoção, a afetividade também pode ser encontrada, tendo em comum o propósito de constituir uma família, podendo esta ser composta por mãe e filho, por pai e

filho, por pai, mãe e filho, por duas mãe e filho, por dois pais e filho, entre tantas outras possibilidades. Desse modo, o impedimento biológico é ultrapassado tendo em vista que é possível realizar o sonho de ter um filho a partir da adoção. Observa-se que nesse contexto estes, não nascem com base em dados genéticos, mas sim do coração. A partir disso, fica explícito o amor seguido da vontade em ter os filhos que não foram possíveis de serem gerados. Assim, inicia-se uma busca da família por padrões baseados somente na afetividade, emergindo um parentesco que se nomeia de forma voluntária. (OLTRAMARI; RAZERA, 2013).

### **Famílias reconstituídas e seus desafios**

As famílias reconstituídas são aquelas que se caracterizam como uma nova constituição familiar em que houve relacionamentos anteriores entre uma das partes ou ambas. Nesse sentido, estes indivíduos experienciaram uma separação ou divórcio, além disso grande parte possui pelo menos um filho ou mais deste relacionamento. (CHRISTIANO; NUNES, 2012).

A família recasada percorre desafios que compreendem os sistemas familiares de forma diferente da primeira união. Assim, aparecem problemáticas correlacionadas a associação dos membros, isto é, a ponderação em relação a quem faz parte ou não da família. Outro fato é a questão da variação da autoridade dos pais em frente aos filhos, ou seja, o lugar de cada indivíduo no sistema. (CANO et al., 2009).

Esse modelo familiar apresenta um sentimento de família ampliado. São acrescentadas no núcleo familiar mais pessoas, como madrasta, padrasto, tios, outros avós, dentre outros componentes. A formação dessa família acaba por ocorrer de forma mais lenta e gradual e através dessa constituição mais demorada, torna-se indispensável uma disponibilidade maior de todos os envolvidos. Por ser uma família composta recentemente, ela pode suscitar ciúmes, desentendimentos, disputas entre os membros que estão se conhecendo e assimilando quais serão os seus novos papéis dentro desta família que emerge. (CHRISTIANO; NUNES, 2013).

Foi constatado também uma demanda maior de cuidado e atenção, já que existem vários níveis de ajuste ocorrendo de maneira simultânea nos subsistemas: conjugal; cada um com os filhos do outro; os filhos dos dois entre si e com o/a padrasto/madrasta. Esse fato exige mais energia, paciência, flexibilidade e dedicação dos componentes da família. (COSTA; DIAS, 2012).

A família ainda constitui um pilar central em diversas sociedades e deste modo também está diretamente ligada a constituição interna de cada indivíduo do sistema (GUERREIRO; TORRES; LOBO, 2007). As famílias reconstituídas, por sua vez, trazem consigo um histórico, afinal elas derivam de uma outra configuração familiar que foi rompida. Sendo assim elas podem vir desde separações amigáveis a processos traumáticos e os processos que se deram nas famílias anteriores irão influenciar diretamente nos modos de construir um novo sistema (CANO et al., 2009).

Devemos considerar também que no caso da família analisada há a questão da adoção, portanto para o menino houveram duas rupturas do sistema familiar, a primeira quando ainda bebê, foi desvinculado de sua família de origem e adotado por outra família, e a segunda com o término do relacionamento de seus pais adotivos. Pelo viés psicológico é a integração da criança, ou mesmo do bebê, com uma nova família que vai possibilitar a reconstrução de sua identidade a partir da criação de uma relação satisfatória com esse novo sistema. Nesse sentido, o ideal é que esses novos pais consigam fornecer à criança uma base para que ela possa se desenvolver, podendo satisfazer suas necessidades básicas e elaborar esse rompimento com as figuras com as quais estabeleceu os primeiros laços afetivos. (SANTOS; RASPANTINI; SILVA, 2003).

Sendo assim, podemos perceber que o principal desafio é a adaptação a uma nova forma de viver, com diferentes figuras, costumes e pensamentos. No caso que analisamos esse período foi mais árduo, visto que Cravo vinha de um contexto oposto ao de Hortência, pois enquanto que para ela a higiene era um fator primordial, para Rosa isto não era uma preocupação. Padrão este que foi passado para Cravo, que precisou modificar suas concepções frente ao novo sistema.

### **Ciclo vital da adolescência**

A adolescência é uma fase na qual os indivíduos passam por diversas mudanças, Valle e Mattos (2011) apontam que esse período é complexo e dinâmico com relação aos aspectos físicos e emocionais. Caracteriza-se por modificações no corpo que refletem no desenvolvimento da personalidade e no seu comportamento diante da sociedade. Muitos são os anseios que ocorrem nessa época, principalmente no que diz respeito às questões comportamentais e adaptativas, aspectos esses que já haviam sido antecipados por Stanley Hall em 1904 quando este estabeleceu a adolescência como uma fase de “tempestade”. Com relação a isso, destaca-se que este é:

Um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes [...] ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos. (ERIKSON, 1968 apud QUIROGA; VITALLE, 2013 p. 1).

Desse modo, se constitui como uma fase de suma importância no desenvolvimento humano tendo em vista que há uma confusão nos papéis e dificuldades para ver-se e ser visto como sujeito dotado de características próprias. Além disso, essa fase é percebida por alguns autores como “um modo de vida entre a infância e a idade adulta”. (ERIKSON, 1976 apud CARTILHA ADOLESCÊNCIA E PSICOLOGIA, 2002, p.16), enquanto outros colocam exatamente o contrário, postulando que tal fase possui um psiquismo característico e uma mentalidade própria, não como uma transição, mas como um momento de vida (CARTILHA ADOLESCÊNCIA E PSICOLOGIA, 2002).

Na perspectiva de Carter e McGoldrick (1995), sendo a adolescência um novo ciclo da vida, esse período, atualmente, demanda um árduo trabalho das famílias com filhos adolescentes diferentemente de quando estes eram menores tendo em vista que não há uma receita para simplificá-lo. Em razão disso deve-se pensar em fronteiras qualitativamente diferentes, sendo estas, nessa nova etapa, permeáveis. De forma distinta a da fase anterior a adolescência, os pais devem permitir a independência dos filhos.

### **Papéis no sistema familiar**

Apesar das diferentes configurações e estruturas familiares serem comuns hoje em decorrência de divórcios e recasamentos, atualmente no senso comum, atribui-se o papel da mulher ao de cuidadora dos filhos e o do pai como provedor financeiro da família. Esse padrão pode estar relacionado a modificações associadas à percepção da infância, dos modelos de cuidado e dos princípios passados para as gerações. No entanto, tais mudanças têm profundo impacto na conduta dos pais e mães na relação e educação de seus filhos. (BOTTON et al, 2015).

Sobre a paternidade, esta é vivenciada e experienciada de modo singular pelos homens, ou seja, não há um padrão fixo sobre o exercício desta. A partir de pesquisas realizadas acerca dessa temática encontrou-se diferenças nesta noção em consequência do país, classe social e da idade dos pais. Ser pai é uma prática, que se compõe em diversos graus, na medida em que os fatos socioculturais associam-se a ser provedor de recursos, respeito e autoridade

enquanto que as questões relacionais ligam-se a relação estabelecida pela mãe para com a criança. (CÚNICO; ARPINI, 2013).

Sendo assim há um modelo de família tradicional, no qual o homem é o provedor da casa enquanto a mulher é a responsável pelos cuidados domésticos e a educação dos filhos. Entretanto esta visão não corresponde mais a uma realidade geral, visto que a sociedade tem se modificado, houve a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a necessidade da divisão de tarefas mais igualitária em relação aos serviços domésticos. (PRATTA; SANTOS, 2007). Entretanto estudos realizados evidenciam que apesar das mudanças sociais, econômicas e políticas a mulher ainda realiza mais tarefas domésticas do que os homens. A criação dos filhos acaba caindo na mesma lógica (WAGNER, et al. 2005).

Todo esse apanhado, discorre acerca dos papéis de homem e mulher frente a sociedade, mas no que se refere a famílias é importante considerar também, as famílias homoafetivas, e monoparentais, bem como os inúmeros indivíduos que não se encaixam na lógica binária (CARVALHO, 2012; DOS REIS; PINHO, 2016). Neste viés, é necessário compreender que cada família é diferente, podendo romper com os padrões e criar seus próprios modos de funcionamento. (WAGNER, et al. 2005).

## **ANÁLISE DO CASO**

### **Entendimento psicodinâmico**

Evidencia-se que nessa família os papéis exercidos pelo pai e a madrasta não estão definidos, pois Hortência cumpre com o papel de mãe e também do papel de pai que Narciso deveria exercer. Percebe-se que Cravo possui uma indiferenciação de self, tendo dificuldade em colocar suas opiniões e pensamentos frente a seus pais, comumente aceitando o que lhe é dito sem questionamentos, apesar disso, ele faz alguns movimentos de enfrentamento, exercendo sua capacidade de pensar e refletir, respondendo a pressões emocionais, internas ou externas (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Há uma fronteira rígida, nota-se um distanciamento afetivo entre todos os membros. O casal consegue manter sua individualidade, mas em relação a Cravo a fronteira não tem uma permeabilidade, ou seja, este casal está extremamente afastado do filho, não conseguindo manter uma relação saudável com ele que acaba ficando afastado do sistema. Essa rigidez na fronteira exige de Cravo uma maior responsabilidade, visto que muitas questões, precisa resolver sozinho, como as afetivas, por exemplo. (WAGNER, 2011).

Em relação a necessidade de mais autonomia na adolescência, podemos perceber que há um movimento de gerar a independência em Cravo, visto que desde que começou a morar com o casal foi incentivado a fazer novos amigos, brincar fora de casa, e realizar várias atividades que permitam sua independência. Por outro lado, há uma resistência de que Cravo seja diferente de Narciso e Hortência, visto que estes desejam que o menino tenha os mesmos gostos que eles e o mesmo modo de interagir com o mundo, sendo mais sociável e “caloroso”.

A família, portanto, faz uma ligação direta entre o cuidado e a cobrança, tendo dificuldades em exercer a afetividade na criação de Cravo. Nesse sentido a afetividade surge como uma falta, visto que Narciso e Hortência não conseguem verbalizá-la como um fator importante. Cravo por sua vez não consegue reconhecer esta falta, mas evidencia fatores depressivos que a denunciam, visto que ele tem muitas dificuldades de acreditar em si, cobrando-se excessivamente e buscando uma utopia de perfeição. Se Narciso e Hortência conseguissem falar para o adolescente suas qualidades e potências, mostrando a ele que é amado, os fatores depressivos poderiam ser amenizados.

As conflitivas principais da família surgem com a constituição de um novo sistema familiar, pois o novo relacionamento surgiu de uma traição e uma ruptura drástica do casamento. Além disso Hortência nunca desejou ter filhos e com a chegada de Cravo tudo mudou.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise de caso possibilita ao estagiário repensar sobre seu paciente, auxiliando em sua prática e contribuindo para o conhecimento, sendo assim, passa a ver o paciente de um modo mais abrangente. O caso da família evidencia principalmente a importância das relações e sua influência na vida de cada indivíduo, bem como do sistema. O trabalho possibilita fazer reflexões sobre o processo terapêutico como um todo.

É possível perceber que apesar das conflitivas há um esforço por parte da família na busca de um ambiente mais saudável e estável, visto que todos conseguem investir na terapia, cada um a seu modo. Narciso com o esforço que faz para ir aos encontros mesmo quando o dia de trabalho foi extremamente cansativo, Hortência com sua preocupação e organização para que compareçam à terapia e Cravo em sua escuta atenta, buscando sempre uma evolução.

Percebemos também que a maior parte das conflitivas familiares decorre de fatores intrapsíquicos de cada um dos indivíduos, evidenciando uma necessidade de conhecer a si

mesmo para conseguir reconhecer o limite do outro. A partir deste olhar que a família vai aprendendo a perceber e reconhecer o outro, com questões diferentes, mas igualmente importantes.

Em suma, é uma família que se esforça em seu processo de mudança e que unida tem um imenso potencial, sendo que cada membro possui o que o outro precisa. Hortência possui a rigidez e a cobrança necessárias ao companheiro e filho, Narciso tem a tranquilidade que falta na companheira, Cravo, por sua vez, convoca a família a necessidade da afetividade e a modificações, visto que está na adolescência, em uma imensa descoberta de si. Sendo assim, nosso trabalho enquanto terapeutas é o de auxiliar essa família a se encontrar, gerando dúvidas, acolhendo os sofrimentos e promovendo um diálogo profundo entre eles.

## REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. M. B. et al. A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642000000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 Out. 2019.
- AURÉLIO, Dicionário Online de Português. *Definição de afetividade*. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/afetividade>> Acesso em: 06 out. 2019.
- BERRIOS, G. E. A psicopatologia da afetividade: aspectos conceituais e históricos. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 138-170, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142012000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142012000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 out. 2019.
- BOTTON, A. et al. Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 43-56, 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 out. 2019.
- CANO, D. S. et al. As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicol. Reflex., Crit.*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 214-222, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722009000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17 set. 2019.
- CARTER, E. A.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. 511 p.
- CARVALHO, A. P. D. Casamento homoafetivo. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, RIDB, Ano 2, nº 8, 2012. Disponível em: <[http://www.cidp.pt/revistas/ridb/2013/08/2013\\_08\\_07963\\_07984.pdf](http://www.cidp.pt/revistas/ridb/2013/08/2013_08_07963_07984.pdf)> Acesso em 11 ago. 2020.

CHRISTIANO, R. M.; NUNES, N. R. A. A Família na Contemporaneidade: Os Desafios para o Trabalho do Serviço Social. *Em Debate.*, Rio de Janeiro, n. 11, pág. 32–56, 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26982/26982.PDF>> Acesso em 19 set. 2019.

Conselho Federal de Psicologia. *Cartilha Adolescência e Psicologia*. Brasília, 2002. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/adolescencia-e-psicologia-concepcoes-praticas-e-reflexes-criticas/>>. Acesso em 12 ago. 2020.

COSTA, J. M.; DIAS, C. M. S. B. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 72-87, 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 set. 2019.

CUNICO, S.D; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 out. 2019.

DICIONÁRIO INFORMAL. Dicionário Online de Português. *Definição de afetividade*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/afetividade/>> Acesso em: 07 out. 2019.

DOS REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. *Reflexão e Ação*, 24(1), 7-25. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045/pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia.*, Natal, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000200021&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200021&lang=pt)>. Acesso em 04 Out. 2019.

GUERREIRO, M. D.; TORRES A.; LOBO C. Famílias em mudança: Configurações, valores e processos de recomposição. In: GUERREIRO, M. D.; TORRES A.; CAPUCHA, L. (org.) *Quotidiano e Qualidade de Vida*. Lisboa: Celta Editora, 2007.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 8ª edição, 1989. 224 p.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações.*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-29072002000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-29072002000100003)>. Acesso em 12 ago. 2020.

MONDIN, E.M.C. Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de psicologia.*, São Paulo, vol.10, n.1, p. 131-138, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v10n1/28016.pdf>> Acesso em: 07 out. 2019.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLTRAMARI, F; RAZERA, B. O afeto e o cuidado nas relações familiares. *Perspectiva.*, Erechim, v. 37, n. 138, p. 57-68, 2013. Disponível em:

<[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138\\_347.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/138_347.pdf)> Acesso em 07 out. 2019.

OSÓRIO, L. C. *Como trabalhar com sistemas humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2013. 230 p.

OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed, 2002. 157 p.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol. estud. [online].*, Maringá, vol. 12, n. 2, pp. 247-256, 2007. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>> Acesso em 29 set. 2019.

QUIROGA, F. L; VITALLE, M. S. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis.*, Rio de Janeiro , v. 23, n. 3, p. 863-878, 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312013000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312013000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 04 Oct. 2019.

SANTOS, M. A.; RASPANTINI, R. L.; SILVA, L. A. M.; ESCRIVÃO, M. V. Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psic.*, São Paulo, v. 4, n.1, p. 14-21, 2003. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142003000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000100003)> Acesso em 01 out. 2019.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. G. G. Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. *Saude soc.*, São Paulo, v. 3, n. 2, p.149-171, 1994. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12901994000200008&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12901994000200008&script=sci_arttext)>. Acesso em 12 ago. 2020.

VALLE, L.E. R; MATTOS, M. J. V. M. Adolescência: as contradições da idade. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 28, n. 87, p. 321-323, 2011. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862011000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 out. 2019.

WAGNER, A. PREDEBON, J. MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.*, Brasília, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722005000200008&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722005000200008&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em 12 ago. 2020.

WAGNER, Adriana et al. *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. 208 p.